



ESTRUTURALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Este ensaio tem como objetivo analisar a visão de mudança e variação linguística para o Estruturalismo, focando na obra “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, por ser ele o fundador dessa corrente e considerado o pai da Linguística moderna. A pergunta que busco responder aqui é: O fato de não se dedicarem a analisar a mudança e variação linguística indica que os linguistas estruturalistas não percebiam que as línguas mudam? A partir de uma leitura mais atenta do Curso, é possível observar que, embora propusesse um estudo formal e sincrônico da língua, Saussure reconhecia o caráter mutável das línguas naturais ao tratar, ainda que brevemente, da característica de mutabilidade, como ele chama. Conclui-se, então, que, mesmo antagonizando língua e fala, Saussure compreende que toda língua sofre mudanças, porém, naquele momento, decide se dedicar ao estudo formal da língua.

Palavras-chave

Estruturalismo; Mudança Linguística; Variação; Saussure

Munirah Lopes da Cruz

munirah2c@gmail.com • <https://orcid.org/0000-0003-3007-4214>



É conhecida a dicotomia língua e fala estabelecida por Ferdinand de Saussure desde a fundação do que posteriormente foi chamado de Estruturalismo, devido à concepção de língua adotada por ele. Também se sabe a preferência que foi dada por essa abordagem ao estudo da língua, em detrimento da fala. Saussure justifica essa escolha por considerar a primeira social, abstrata, homogênea e sistemática, e, portanto, passível de estudo, em oposição à segunda, caracterizada como individual, concreta, heterogênea e assistemática. Assim, a língua foi estabelecida como o objeto de estudo da Linguística, e passou a ser entendida como um sistema cujos valores dos elementos que a compõem são determinados pelas relações entre eles dentro do próprio sistema. Cabia a essa nova ciência da linguagem, à época, “o problema da descoberta e análise da língua” (COSERIU, 1980, p. 59).

A partir das formulações saussureanas, surgiram outros estudiosos que se debruçaram em analisar o sistema linguístico, com diferentes focos e interesses. Daí surgiram vários estruturalismos, como coloca Sales (2003), pois, assim como o termo estrutura é plural, assim o é o estruturalismo. Neste ensaio, pretendo analisar como é vista a mudança e a variação linguística no estruturalismo, mais especificamente na teoria saussureana, por ser fundador dessa corrente e considerado o pai da Linguística moderna.

É comum a afirmação contundente e taxativa de que o estruturalismo ignora como as línguas mudam por parte dos linguistas de orientações funcionalista, pragmática e discursiva. De fato, nem a variação nem a mudança linguística são focos nos estudos estruturalistas. Mas será que o fato de não se dedicarem a analisar como as línguas mudam indica que os linguistas estruturalistas não percebiam essa mudança? É a pergunta que busco responder aqui.

Saussure, no capítulo II da segunda parte do *Curso de Linguística Geral* (2006), fala de uma das características do signo, a que ele chama de mutabilidade. Essa característica é definida pela capacidade do signo de sofrer alterações ao longo do tempo. Outra característica do signo apresentada por Saussure neste mesmo capítulo é a imutabilidade. Colocadas lado a lado, essas duas características parecem ser incompatíveis e até excludentes, mas o autor explica:

Em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade. (p. 89)

A discussão elaborada pelo mestre genebrino é construída em torno da noção de arbitrariedade do signo, isto é, não há relação lógica ou semântica entre a impressão acústica de determinado signo e seu conceito – ou significante e significado, como é nomeado por ele. Posto isto, parece uma consequência pensar que qualquer pessoa poderia a qualquer momento atribuir qualquer significante a qualquer significado, criando signos a seu bel prazer. No entanto, observamos que isso não acontece, o que é explicado na teoria saussureana pelo princípio da imutabilidade, pois o indivíduo é incapaz por si só de mudar o código linguístico, ou seja, de provocar alterações no significante ou significado de determinado signo – e conseqüentemente mudar o próprio signo – pela sua própria vontade. Sobre isso, Viotti (2018) elucida:

Isso significa que, em princípio, porque os signos são arbitrários, nós poderíamos *arbitrariamente* decidir, por exemplo, de um momento para o outro, fazer referência ao primeiro mês do ano por qualquer nome que inventássemos. Não fazemos isso, no entanto, porque já temos o signo *janeiro*, que é parte do sistema linguístico que herdamos de gerações passadas e que denota o primeiro mês do ano. A continuidade da língua é garantida pelo tempo. (...) é precisamente por causa de sua continuidade no tempo que a língua pode mudar. Essa contradição é apenas aparente: a língua se transforma sem que a massa falante possa transformá-la por sua vontade. A língua sofre a influência de todos os que a usam, mas, justamente por ser a liga que integra uma massa social, não se deixa revolucionar. (p. 141, grifo do autor)

Seguindo esse raciocínio, a língua é vista como uma “herança da época precedente” (SAUSSURE, 2006, p. 85), isto é, ela antecede o falante e é coletivamente estabelecida. Assim, foge à vontade do indivíduo o estabelecimento do sistema linguístico, que já está definido quando ele entra em contato com a língua. Entretanto, também é fato percebido pelo estudioso de Genebra que a língua muda ao longo do tempo e que o signo pode sofrer alterações em vários níveis, como o fonético ou o semântico, que são os mais comumente observados. Se não depende do indivíduo essa mudança, como ela se daria então?

Saussure (2006) tenta responder a essa questão de forma sucinta, sem se deter muito nessa característica de mutabilidade do signo devido ao seu interesse em estabelecer a Linguística como ciência da língua e independente de outras áreas de

conhecimento, como se fazia até então nos estudos da linguagem. Sobre essa questão de mudanças na língua, ele diz:

Mas em que se baseia a necessidade de mudança? Talvez nos reprovem por não termos sido tão explícitos nesse ponto quanto no princípio da imutabilidade: é que não distinguimos os diferentes fatores de alteração; seria preciso encará-los em sua variedade para saber até que ponto são necessários. (SAUSSURE, 2006, p. 91)

Ainda sobre isso, Saussure (2006) coloca que esse trabalho de análise sobre mudança na língua seria muito complexo e para cada tipo de mudança seria necessário um capítulo detalhando cada aspecto. Portanto, fica claro que o considerado pai da Linguística moderna não ignorou que a língua muda e apontou que isso acontecia ao longo do tempo, diacronicamente, dando exemplos de alterações fonéticas e semânticas de palavras do latim para o francês, como também de outras línguas, assim como dentro de uma mesma língua. Ele também admite que a mudança acontece em outras áreas da ciência, ao afirmar que “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (p. 91).

Ao considerar que existe o aspecto diacrônico da língua, Saussure leva em consideração sua dimensão histórica, mas dá preferência ao estudo sincrônico, o que justifica a partir da ideia de que o falante comum ignora a história da língua e que não precisa sabê-la para dominar o sistema linguístico e utilizá-lo de forma satisfatória. O falante se acha diante do que ele denomina um “estado” (p. 97), relativamente estático, e o linguista, para conhecer o sistema linguístico e poder penetrar na consciência dos indivíduos que partilham uma determinada língua deve suprimir o passado da língua, focando em um só ponto dela. Dessa forma, o pai do estruturalismo sugere o estudo linguístico sincrônico, em oposição ao que foi feito até então na Linguística Histórica Comparativa, porque considera que esta traz uma concepção de língua híbrida e vacilante, estabelecendo, então, uma outra dicotomia, a saber, sincronia versus diacronia.

Ele inaugura a concepção de língua como sistema, que pode e deve ser estudado por si mesmo e dentro de si mesmo. Sobre isso, ele afirma: “É ao linguista que tal distinção se impõe mais imperiosamente, pois a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos.” (SAUSSURE, 2006, p. 95). Nessa proposta, portanto, não cabe a observação do fenômeno da variação

nem da mudança linguística. Para ser mais exato, a fala não vai receber atenção alguma do estudioso de Genebra, que vai eleger a língua – separada da fala – como objeto de estudo da Linguística, por conter o sistema partilhado pelos indivíduos, já que, para ele, “só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 2006, p. 21).

A fala é considerada individual, varia de pessoa para pessoa, e não pode revelar a totalidade do sistema, por isso não é relevante para o estudo linguístico científico, segundo a postura adotada por Saussure. Ele entende que língua e fala são interdependentes, contudo, considera-as duas coisas absolutamente distintas e que podem ser separadas para fins de estudo.

Nesse contexto, percebe-se que Saussure não ignorou a mudança nem a variação que podiam ocorrer às línguas naturais, pois aborda a mudança linguística ao comparar as línguas diacronicamente, e admite, ainda que de forma muito tímida, a variação linguística presente nas falas dos indivíduos, ao dizer que a fala de um indivíduo nunca é igual à do outro. Todavia, ele não chegou a conceituar o que seria mudança linguística nem variação linguística, não fazendo qualquer distinção entre elas nem explicando por que elas acontecem, justamente porque não era do seu interesse se debruçar sobre esses fenômenos linguísticos.

Sem querer se deter muito nessa questão da mudança linguística, Saussure traz à tona, ainda que brevemente, um tema que só será de interesse da Linguística algumas décadas depois da publicação do *Curso Geral de Linguística*. Porém, e justamente por ter feito a escolha de não se dedicar à observação desse fenômeno, Saussure não pôde dar uma explicação satisfatória para o que ocasionaria essas mudanças. Ele apenas observou que transformações ocorriam na língua, mas decidiu colocar o foco de seus estudos nos aspectos formais da língua.

É compreensível sua necessidade de fazer isso à época. E, como é próprio da ciência, o que não foi investigado nesse primeiro momento da Linguística moderna depois se tornou uma pergunta em busca de respostas, fazendo surgir novas teorias e abordagens que se debruçassem sobre essa questão da mudança, e, conseqüentemente, fizeram surgir novos conceitos de língua que abarcassem esse e outros fenômenos a partir das lacunas deixadas pelo precursor do estruturalismo. Se tudo é passível de mudança, também o é a ciência, como bem já tinha colocado o próprio Saussure.

Mesmo sem investigar o fenômeno da mudança linguística a fundo, é incontestável a contribuição de Ferdinand de Saussure para a Linguística, que só atingiu o patamar de ciência depois da publicação do livro *Curso de Linguística Geral*, em 1916, que foi organizado e publicado postumamente por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de cursos lecionados pelo mestre genebrino entre os anos de 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Foi dessa maneira que ele influenciou os estudos linguísticos da época na Europa e em outras partes do mundo, trazendo um caráter formalista aos estudos da língua, como também influenciou estudos de outras áreas da ciência, como a psicologia e a antropologia, conforme argumenta Costa (2018):

O desenvolvimento da linguística estrutural representa um dos acontecimentos mais significativos do pensamento científico do século XX. Não poderíamos compreender os incontestáveis progressos verificados no quadro das ciências humanas sem compreendermos a elaboração do conceito de estrutura desenvolvido a partir de investigações do fenômeno da linguagem. Toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidencia em suas obras a contribuição de Ferdinand de Saussure relacionada à organização estrutural da linguagem. (p. 114)

Para Coseriu (1980), reconhecido cientista da linguagem, Saussure é o ponto de chegada e de partida da linguística estruturalista, uma vez que sua obra propõe uma abordagem para tratar de assuntos da linguagem, mas ele próprio não chegou a desenvolver estudos linguísticos que utilizassem esses pressupostos. Partindo da concepção de língua como sistema, os estudos linguísticos posteriores à publicação do *Curso de Linguística Geral* puderam desenvolver métodos formalistas de análise e investigação das línguas. Foi o caso da Glossemática na Dinamarca, da Teoria Gerativa nos Estados Unidos, do Círculo Linguístico de Praga e da Escola de Genebra, fundadas pelos seus discípulos diretos.

A influência de Saussure nos estudos linguísticos prevaleceu até meados século XX e fez sobressair uma preocupação com o aspecto meramente formal da língua, ora descritivo, ora analítico, a depender da corrente, mas definitivamente nunca relacionado à mudança ou à variação na língua. Assim, apenas com o surgimento do funcionalismo se passou a observar esses fenômenos e a se questionar como eles ocorriam, já que “seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, (...) buscando na situação comunicativa a motivação para os fatos de língua.” (CUNHA, 2018, p. 157). É

somente a partir dos estudos funcionalistas da linguagem que a fala vai passar a ser analisada e estudada pela Linguística.

De fato, o funcionalismo surge a partir das lacunas deixadas pelo formalismo e é algo que pode ser enxergado não como quebra total com este, mas como uma continuidade dele. É possível notar que há autores considerados tanto formalistas quanto funcionalistas, a depender do ângulo de onde se observa. É o caso, por exemplo, de Jakobson, um dos principais estudiosos da escola de Praga, responsável por propagar o estruturalismo nos Estados Unidos e que, contudo, apontou aspectos extralinguísticos presentes no processo de comunicação, a que ele chamou de funções da linguagem, e, por causa disso, é considerado um linguista de orientação funcionalista por alguns autores (Cf. NEVES, 1997).

Portanto, como é próprio da ciência, a linha que separa as diferentes abordagens pode ser tênue. Algo novo só surge de algo que já existe. Cabe a nós, estudiosos da língua, compreendermos a importância de Saussure para a linguística como um todo e não estabelecer mais dicotomias que segregam e antagonizam as diferentes posturas teóricas adotadas. A multiplicidade de fenômenos linguísticos nos permite a diversidade de teorias e concepções de língua, e cada estudo na área da linguística é valioso por contribuir com a compreensão do fenômeno da linguagem, sempre tão vasta, plural e heterogênea, como deve ser também a ciência..

REFERÊNCIAS

- COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 113-126.
- CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 157-176.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SALES, L. S. Estruturalismo: histórias, definições, problemas. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 33, p. 159-188, abr. 2003.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VIOTTI, E. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2018. p. 137-179.

RÉSUMÉ

Cet essai a pour but d'analyser comment le Structuralisme voit le changement et la variation linguistique, en se centrant sur l'oeuvre "Cours de Linguistique Générale", de Ferdinand de Saussure, connu comme le fondateur de cette théorie et le père de la Linguistique moderne. La question que je cherche à répondre ici est: Les linguistes structuralistes ne se rendent pas compte du changement linguistique? À partir d'une lecture plus attentive du Cours, on peut remarquer que, malgré la proposition d'une étude formaliste et synchronique de la langue, Saussure reconnaissait le caractère variable des langues naturelles, puisqu'il traite, bien que brièvement, de la caractéristique de mutabilité, comme il l'appelle. Il est conclu que, en dépit de la dichotomie entre langue et parole, Saussure comprend que toutes les langues changent, mais, à son époque, il décide d'étudier juste l'aspect formel de la langue.

MOTS CLÉ

Structuralisme; Changement Linguistique; Variation; Saussure

STRUCTURALISME ET CHANGEMENT LINGUISTIQUE

Munirah Lopes da Cruz

Mestranda em Estudo da Linguagem • Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

Recebido em 15/04/2020

Aceito em 21/09/2020